

Efeitos subjetivos das tecnologias de comunicação: uma abordagem preliminar¹

Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves - Faculdade de Comunicação Social - UERJ²

Ana Carolina Rodrigues - Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Zaira Brilhante de Albuquerque - Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Resumo

Trata-se aqui de refletir sobre a relação entre meios de comunicação e subjetividade a partir da análise de dois casos concretos. Essa tentativa parte do pressuposto da necessidade de situar as novas tecnologias e seus efeitos subjetivos num panorama mais amplo que leve em conta as tecnologias precedentes. Além disso, o presente texto propõe uma crítica do paradigma que opõe Modernidade e Pós-Modernidade como paradigma adequado para dar conta da relação entre meios de comunicação e subjetividade.

Palavras-chave

Meio de Comunicação; Subjetividade; Pós-Modernidade

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos e cotidianos”) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política.

Michel de Certeau

A reflexão em torno dos efeitos das novas tecnologias de comunicação sobre a subjetividade toma freqüentemente a forma da suposição de uma subjetividade dita

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Márcio Souza Gonçalves é Doutor pela ECO-UFRJ e Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: msg@uerj.br

Ana Carolina Rodrigues é aluna da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pesquisadora de Iniciação Científica na pesquisa Meios de Comunicação e Subjetividade, orientada pelo Prof. Márcio Gonçalves. E-mail: carolrodrigues@superig.com.br

Zaira Brilhante de Albuquerque é aluna da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e foi Pesquisadora de Iniciação Científica na pesquisa Meios de Comunicação e Subjetividade, orientada pelo Prof. Márcio Gonçalves. E-mail: zaira.brilhante@uol.com.br

Moderna, oposta a uma que marcaria nosso tempo, a subjetividade Pós-Moderna.

Essa utilização do paradigma que opõe Moderno e Pós-Moderno para a compreensão da subjetividade afetada pelas novas tecnologias de comunicação levanta duas questões importantes.

A primeira é uma questão geral que atravessa todo o campo do que se pode chamar genericamente de História Cultural e pode ser enunciada como: qual o sentido dessas generalizações tão amplas tais como Modernidade e Pós-Modernidade para se falar de uma época e quais as vantagens e desvantagens deste procedimento?

A segunda questão se refere ao caso específico da subjetividade. Se considerarmos que as subjetividades encarnadas são sempre singulares, qual o sentido de achatar as diversas subjetividades presentes em uma época dada numa generalização tão ampla quanto o sujeito moderno ou o sujeito pós-moderno?

Atravessando esta segunda questão está evidentemente o espinhoso problema da relação entre uma subjetividade e o meio ou contexto cultural em que vive.

O ponto que nos interessa é preciso: a presença das tecnologias de comunicação e seus efeitos sobre as subjetividades concretas. Por agora deixemos em suspenso se essas tecnologias são ditas novas ou velhas. Nossa perspectiva consiste, precisamente, em esbater essa diferença.

Ora, depois da larga utilização do paradigma Moderno/Pós-Moderno para dar conta dos efeitos subjetivos dos meios, nos parece interessante buscar vias alternativas de análise. Mais precisamente, nos parece que é necessário agora evitar o que a princípio parecia ser a grande vantagem da oposição entre Modernidade e Pós-Modernidade, a saber, a excessiva generalização.

É fato concreto que a utilização desses termos gerais pode ser proveitosa na medida em que torna possível uma apreensão global ou de conjunto de um determinado momento histórico, desprezando as diferenças locais ou específicas. Essa vantagem foi explorada nos últimos anos pela área da Comunicação. Mas talvez tenha chegado o momento de sermos mais cuidadosos e detalhistas, talvez tenha chegado a hora de abandonarmos a visão global proporcionada pelo telescópio Moderno - Pós-Moderno em favor de um microscópio que permita uma consideração atenta das diferenças escondidas sob a excessiva generalidade. É nesse sentido que procuramos alternativas.

Nosso caminho nessa busca é bastante simples e em resumo consiste em tomar sujeitos concretos de diferentes momentos históricos e tentar identificar os efeitos sobre sua subjetividade dos meios presentes em seu contexto cultural. Esse programa genérico

de investigação pode ser aplicado tanto às novas tecnologias quanto às tecnologias que hoje, pela presença das novas, são consideradas velhas.

Essa possibilidade de trabalhar com diferentes contextos históricos se afigura interessante pois permitirá análises comparadas acerca dos efeitos subjetivos de diferentes meios de comunicação. Trata-se assim, efetivamente, de pensar as tecnologias de comunicação numa perspectiva mais ampla, sem nos restringirmos necessariamente às chamadas novas tecnologias. Essa problematização da evidência do “novas” e a conseqüente reflexão a partir de um quadro temporal mais alargado se afiguram enriquecedoras para a discussão.

Além disso, abre-se a possibilidade de uma reflexão em termos da noção de sistema da mídia:

pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis em um certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si e imitar um ao outro, bem como se complementar (BRIGGS & BURKE, 33).

No presente texto apresentamos resultados parciais de pesquisas em andamento. Desnecessário dizer que esses resultados parciais devem ser tomados com a reserva que uma pesquisa em andamento merece.

Centraremos nossa discussão na análise de dois casos específicos, abordando dois indivíduos diferentes em dois momentos históricos diferentes tentando determinar de que modo a presença dos meios de comunicação produziu efeitos subjetivos.

Nosso trabalho se apóia absolutamente na obra de alguns historiadores sem cuja pesquisa não teríamos podido desenvolver nossas investigações.

Os nomes das pessoas que analisaremos: Pedro de Rates Henequim e Domenico Scandella, dito Menocchio³.

Menocchio, o moleiro⁴

Vejamos o caso do moleiro Menocchio, cuja vida e pensamentos foram reconstruídos pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1987). O contexto com que operamos é o da Itália no século XVI, e o meio de comunicação essencial em nossa discussão é o livro impresso.

³ Agradecemos ao então aluno de Mestrado, agora Mestre, Roberto Farias por nos ter chamado a atenção para esses dois hereges que aqui discutimos.

⁴ A referência canônica é GINZBURG, de onde tiramos todas as citações relativas ao caso do Moleiro.

Começemos com um pequeno exercício: o discurso que opõe as subjetividades pré-moderna, moderna e pós-moderna nos faria esperar o que no caso de Menocchio?

Podemos considerá-lo pré-moderno, aceitando que no XVI ainda teríamos resquícios medievais. Nesse caso, a subjetividade de Menocchio deveria estar aderida ao coletivo e ao grupal. Mas podemos igualmente considerá-lo moderno, e, dessa forma, com uma identidade estável, uma subjetividade centrada e ordenada em função de claras paisagens culturais (HALL, 2002, p. 9). Não é isso que encontramos na realidade, o que aponta para a insuficiência dessas grandes caracterizações.

Como já foi dito, ele vivera na Itália, especificamente no Friuli da segunda metade do século XVI, momento e local marcados por “uma sociedade com características profundamente arcaicas. As grandes famílias da nobreza feudal ainda preponderavam na região” (p. 52). Deve-se ainda levar em conta o contexto mais amplo do Renascimento Italiano, com todos os traços a ele associados. Assim, para Menocchio, filho de seu tempo, o homem realmente é uma figura de extrema importância, e Jesus inclusive é “reduzido à qualidade de homem”. Passemos então a uma exposição do caso Menocchio.

Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, moleiro de profissão, nascera no ano de 1532, em Montereale – aldeia nas colinas do Friuli, Itália – onde vivera a maior parte de sua vida até novembro de 1599, quando foi executado. Consta que Menocchio fora preso pela inquisição por duas vezes, nos anos de 1584 e 1599, respondendo a dois processos e tendo sido condenado pelo Santo Ofício a morrer queimado ao final do segundo.

As formas de comunicação de que Menocchio se valia eram, fundamentalmente, a cultura oral local e os impressos (livros, poemas, contos) a que teve acesso. Nesse sentido Menocchio se aproxima de Henequim. Consta nos autos dos processos que Menocchio se referira às seguintes obras:

- *Bíblia* (em vulgar)
- *Il Fioreto della Bibbia* (tradução de uma crônica medieval catalã)
- *Il Lucidario della Madonna* (do dominicano Alberto da Castello)
- *Il Lucenario de Santi* (de Jacopo da Varigine)
- *Historia del Giudicio* (pequeno poema anônimo)
- *Il Cavallier Zuanne de Mandavilla* (livro de viagem de Sir John Mandeville)
- *Il Sogno dil Caravia* (edição de Veneza datada de 1541)
- *Il Supplimento delle Cronache* (de Jacopo Filippo Foresti)
- *Lunario ao modo di Italia calculato composto nella città di Pesaro dal ecc^{mo} dottore Marino Camilo de Leonardis*
- *Decameron* (Boccaccio – versão não censurada)

- *Alcorão* (supostamente ele teria tido acesso a uma versão em italiano de 1547)

Estes livros exerceram um papel de grande importância na construção do pensamento de Menocchio. Associados ao conhecimento que o moleiro possuía, eles foram base para construção de teorias muito particulares e originais. De todos esses impressos, Menocchio teria comprado apenas um, os outros tendo sido emprestados. Devemos considerar que o livro impresso marcava sua posição num movimento crescente de disseminação.

Sobre as idéias de Menocchio, que como ele mesmo afirmava, haviam saído de sua cabeça, podemos destacar sua teoria cosmogônica, onde ele explica o surgimento do mundo, de Deus e dos homens com uma metáfora que fazia claras alusões não só ao seu trabalho como também a uma crônica do final do século XV do ermitão Jacopo Filippo Foresti, a qual dizia:

Antes da terra, do mar, do céu que tudo cobre, a natureza era uma massa que os filósofos chamavam de Caos, uma grande e indigesta matéria: e não era mais do que uma massa incerta e inerte reunindo num mesmo círculo, e as sementes discordantes de coisas não bem combinadas.

Partindo de suas próprias elaborações e das fontes de que dispunha, Menocchio diz:

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento (...).

Temos portanto um caso de influência possivelmente direta via material impresso.

Ginzburg, ao falar sobre a cosmogonia de Menocchio, chega a conclusão de que esta “era substancialmente materialista e tendencialmente científica” (p. 111). O moleiro em sua implacável lógica: “Eu entendo que não se possa fazer nada sem matéria e Deus também não poderia ter feito coisa alguma sem matéria”. (GINZBURG, 1987, p. 109)

A questão que nos interessa é a da originalidade do pensamento de Menocchio. Como indica Ginzburg, não é possível enquadrá-lo em nenhum movimento religioso da época. As idéias do moleiro não estavam de acordo com a dos movimentos luteranos (“eu acredito que seja luterano quem siga ensinando o mal e coma carne às sextas e sábados”, coloca Menocchio), anabatistas (segundo Ginzburg, apesar da grande semelhança, o pensamento do moleiro diferia quanto ao valor positivo que atribuía à

missa, à eucaristia e, até certo ponto, à confissão) e também, apesar da forte ligação, não podiam ser reduzidas unicamente a um substrato de crenças camponesas, já que fica clara a interferência do livro na sua construção. Ginzburg define então o pensamento de Menocchio como resultado de uma composição de todos esses fatores: “Menocchio triturava e reelaborava suas leituras, indo muito além de qualquer modelo preestabelecido”.

Uma característica que não pode ser desconsiderada no que diz respeito à formação do pensamento de Menocchio é sua profissão e o “fato de o moinho ser um lugar de encontros, de relações sociais, num mundo predominantemente fechado e estático. Um lugar de troca de idéias, como a taverna e a loja”, como afirma Ginzburg. Sendo assim, “a acusação de heresia casava muito bem com tal estereótipo. Contribuía para alimentá-la”.

Vale a pena citar aqui outros exemplos de discursos de Menocchio que remetem claramente a livros impressos. Sobre o paraíso, Menocchio faz a seguinte colocação: “é como estar numa festa” – frase que lembra em muito o paraíso maometano descrito nas Viagens de Mandeville – além disso, declarações como “eu penso que cada um acha que sua fé seja a melhor, mas não se sabe qual é a melhor” também é fruto da leitura desta obra que enfatizava, como coloca Ginzburg, um eco de tolerância medieval na idade das guerras religiosas.

Outro ponto que merece comentário é que, segundo o moleiro, o homem é formado por 2 espíritos, 7 almas, e 1 corpo composto pelos 4 elementos, definição que tem como origem o livro *Fioretto Della Bibbia*, de Paolo Ricci, que reformula a doutrina do sono das almas.

Menocchio conseguia conciliar as mais diferentes crenças, o que é de certa forma a marca de sua originalidade. Alguns traços da complexidade de seu pensamento: não acreditar na virgindade de Maria, não reconhecer a hierarquia eclesiástica, adotar várias concepções diferentes de Deus, acreditar que tinha por dever blasfemar, condenar a pregação em latim e a adoração de imagens, defender a equivalência de todas as fés, condenar a concentração de riquezas, valorizar as boas-obras, recusar os sacramentos – tidos como invenções do homem -, acreditar que as confissões deveriam ser feitas diretamente a Deus, colocar Jesus como um profeta e não o Senhor, e por fim, colocar que parte das sagradas escrituras era pura invenção para enganar os homens.

Diante de tudo isso, Menocchio fora condenado pela Inquisição ao final do segundo processo. Para nós, a importância de uma figura como este moleiro está na

forma como ele se apropriou da leitura e como isso interferiu diretamente na construção do seu pensamento e, conseqüentemente, do seu discurso.

O que nos interessa é sobretudo a singularidade subjetiva de Menocchio. Este produz uma *visão de mundo* bastante pessoal e original. Singularidade subjetiva, assim, no caso em questão, deve ser pensada especialmente como singularidade cognitiva.

É importante o fato de que essa singularidade não pode ser reduzida às heresias, ao luteranismo, às tradições religiosas orais ou à cultura popular. Apenas por isso se pode falar em singularidade.

Briggs e Burke se referem explicitamente ao caso de Menocchio quando abordam a questão da leitura criativa, da apropriação singular de mensagens escritas por parte do leitor: “O que ele lia era menos surpreendente para os inquisidores do que o modo com lia, as interpretações que dava aos textos” (BRIGGS & BURKE, 2004, p. 72). Estes autores ainda se referem ao estilo de leitura de Menocchio como típico da era dos incunábulos e ainda bastante marcado pela leitura pré-imprensa: “Menocchio oferece um bom exemplo de leitor intenso, relendo uns poucos textos e ruminando sobre eles, um estilo de leitura aparentemente típico dos primeiros séculos da impressão gráfica – à semelhança da era dos manuscritos, que a precedeu” (BRIGGS & BURKE, 2004, p. 72). Mas isso não impede que essa necessidade de se considerar a leitura criativa seja aplicada a todos os leitores, não apenas aos dos primórdios da imprensa.

Briggs e Burke, além disso, têm consciência do papel dos livros como estimuladores no caso de nosso moleiro: “o exemplo de Menocchio, o moleiro italiano que foi estimulado pelos livros a pensar por si mesmo, mostra que eles [os censores] tinham certa razão” (2004, 59).

Henequim, profeta tropical⁵

Nascido em 1680, Henequim era filho bastardo de pai calvinista holandês e mãe católica portuguesa. Quando pequeno, fora tomado sob os cuidados de um padre para que tivesse uma criação católica. Aos dez anos volta a morar com o pai, um cônsul holandês. Com esta proximidade, ele entra em contato com idéias reformistas, porém, continua a ter uma rígida educação católica

Em 1702 o nosso personagem se vê diante de dois caminhos. Seu pai o convida a viver na Holanda e ele tem, como alternativa, a oportunidade de ir para a Colônia.

⁵ Todas as informações sobre Henequim de que dispomos e que aqui utilizamos vêm das excelentes obras de GOMES (1997) e ROMEIRO (2001), sem as quais não teríamos nada a dizer.

Lembremos que esta é a época das descobertas auríferas nas Minas Gerais do Brasil. Aconselhado pelo seu tutor, que temia um contato maior com o calvinismo, Henequim segue para a Colônia. Lá se depara com uma verdadeira torre de Babel de línguas, costumes, crenças. Já nesta época, se sabe que ele lia bastante e se mostrava bastante interessado nas Sagradas escrituras. Nosso herói tinha um contato bastante íntimo com o texto escrito.

Na Colônia, Pedro Henequim se depara com uma realidade que seria eufemismo qualificar de caótica. Diferentes culturas juntas num mesmo lugar: negros, índios, europeus de toda parte. “Mais do que em qualquer outro ponto da colônia, foi grande a instabilidade social, a itinerância, o imediatismo, o caráter provisório assumido pelos empreendimentos” (MELO E SOUZA, apud GOMES, 1997, p 48). Essa mistura caótica colonial é mais uma numa trajetória de vida marcada por contradições, ambigüidades, fragmentações, a começar pela divisão infantil entre a herança católica e a protestante.

Depois de vinte anos, nosso personagem decide voltar a Portugal, onde seus planos de se tornar religioso naufragam devido a um imprevisto amoroso. Henequim se apaixona por uma jovem menina chamada Joana, de 14 anos. Contava, na época, 43, o que não impediu os acertos do casamento. Depois de algum tempo nosso confuso apaixonado acaba mudando de idéia e tenta desesperadamente fugir do matrimônio, o que envolve uma curiosíssima situação de troca de identidade, Henequim se fazendo passar por outrem. Aos 51 anos se rende e se casa com Joana para logo em seguida, quatro meses depois, abandoná-la com sua filha.

Começa então um período obscuro para o ex-colono. Foi nesta época que se envolveu numa conspiração contra rei d. João V que o levou a uma misteriosa prisão⁶. Preso, diversas circunstâncias trazem à tona uma cosmologia fantástica tecida por Pedro Henequim, nosso profeta do Quinto Império.

A cosmologia de Henequim o tornava perigoso para duas instituições: a Igreja e o Estado português. Suas idéias totalmente avessas aos ensinamentos da religião católica o colocavam na posição de herético. Alguns esparsos exemplos. Nosso Maomé lusitano sustentava que os anjos tinham sexo, e que assumem, muitas vezes, papéis materiais. Ou ainda que a virgem Maria não tinha orifício vaginal e possuía um membro masculino, sendo assim um ser andrógino ainda mais perfeito por conter as qualidades do homem e da mulher.

⁶ O livro de Adriana Romeiro se centra nessa discussão.

Porém, o mais perigoso foi possivelmente o fato de Henequim acreditar que o paraíso se encontrava no Brasil. Além de contrária à igreja, a afirmação de um paraíso brasileiro ameaçava reverter a tênue hierarquia que ligava Colônia e metrópole, assunto politicamente bastante explosivo. Devemos ter em mente que nosso profeta era também conspirador.

Henequim, operava amalgamando elementos de diversas fontes para produzir sua visão de mundo pessoal. Vejamos um exemplo sumário.

Para Henequim, o paraíso, que estava no Brasil, conseguira sobreviver ao dilúvio graças a rodas que tinha embaixo de si. Plínio Freire Gomes cita como influência que possivelmente serviu de base para as rodas de Henequim a passagem dos escritos de Ezequiel referente ao trono de Iahweh como um carro capaz de se deslocar por entre as nuvens graças às quatro esferas sob ele localizadas (GOMES, 1997, 116). Ao mesmo tempo,

Quando lembrava os tempos em que permaneceu na Colônia, o herege jurava ter se deparado com inúmeros signos da proximidade divina. A começar pelas maravilhas da sua flora. Nas bananas que alimentavam os escravos e nasciam em pencas por toda parte, ele identificou o fruto da perdição humana. Já nas folhas das palmeiras cujo verde recobria as matas tropicais, pensou ter lido mensagens escritas (em português, evidentemente) pelo próprio Adão. Outra prova certíssima seria a pele avermelhada dos nativos. Como o nome do primeiro homem vinha do hebraico Adam – “vermelho” -, era de se supor que ele fosse um legítimo índio, tal qual a bárbara gente do Brasil (GOMES, 1997, p. 116)

Mistura de elementos, livro sagrado, uma botânica selvagem, uma decifração linguageira de mensagens divinas, uma etimologia fantástica. Isso indica bem a sobre-determinação complexa das idéias de Henequim, bem como sua originalidade.

Nosso profeta se situava no encontro de dois grandes processos ou tipos de comunicação: a cultura livresca e a cultura oral.

Em primeiro lugar os livros impressos. Nosso autor aparentemente tinha gosto pela leitura e pode ser considerado um grande leitor, seu “raciocínio traía uma cultura livresca, erudita (...)” (ROMEIRO, 2001, 36). Dentre os livros, a literatura religiosa parece ser especialmente importante. Nossa dificuldade é que mesmo sendo um bom leitor, Pedro de Rates não nos dá sua bibliografia. Rejeitando a idéia de que “tivesse sido instruído ou iniciado por outrem nos mistérios das Letras – sequer revelou, ao longo dos quase três anos de inquirição, o nome de um autor ou obra que tivesse sido decisivo na sua formação intelectual” (ROMEIRO, 2001, p. 36).

Essa cultura livresca deve ser cruzada com toda a cultura oral, necessariamente polívoca, dentro da qual nosso personagem viveu. Essa cultura oral, operando em conjunto com a livresca, comportava tanto elementos presentes na metrópole quanto os fatos da babel colonial.

Merece destaque a questão lingüística, especialmente aguda num local que era ponto de encontro entre culturas diversas como eram as Minas Gerais. Essa experiência da opacidade das línguas, da dificuldade de comunicação por falta de linguagem comum certamente se reflete na cosmologia, meio lacaniana, de Henequim.

Daí a importância crucial que a combinatória entre os nomes de Jeová e Maria assume para Henequim: ela correspondia ao esforço de equacionar o hiato colocado pelo componente sexualizador da sua cosmologia. Uma vez que toda a Criação se achava cindida em seres masculinos e femininos, o par Jeová-Maria seria tão-somente o vértice de duas ordens irreconciliáveis. Desgovernada, a natureza tenderia ao colapso caso não surgisse a mão invisível e benfazeja da linguagem. Porque são apenas os seus átomos gráficos – as letras – que conseguem transcender qualquer sentido de sexualidade. Quando o Divino Pai literalmente “joga” o nosso destino com dados revestidos por punhados de signos, estaria cruzando o campo das diferenças. Estaria estabelecendo uma espécie de mecanismo semiótico para contornar os antagonismos inerentes ao real (GOMES, 1997, p. 95).

Paralelamente à experiência da leitura, deve ser mencionada a da escrita. Henequim pretendia escrever uma trilogia detalhando o saber absoluto e final de que era detentor pela graça de Deus. A escrita parece ter sido o meio considerado por ele ideal para a apresentação dessa nova verdade: quando é preso pela Inquisição e convidado a expor seu pensamento, pede tinta, papel e sua Bíblia (o que lhe é recusado).

Um ponto importante: seria Henequim louco? Plínio Freire Gomes responde: “A hipótese da loucura, como se verá adiante, é incapaz de explicar a notável coerência da cosmologia criada por ele” (GOMES, 1997, p. 38), o que pode também ser confirmado a partir das opiniões dos inquisidores setecentistas. Com sua inelutável lógica, Henequim é um homem de seu século!

O que nos parece importante é o fato de Henequim se apropriar de um extenso material cultural, que inclui os meios de comunicação presentes e suas mensagens, tradições culturais religiosas, suas experiências na colônia etc e dessa diversidade produzir uma certa consistência, uma polifonia que é sua própria subjetividade. A escrita e a elaboração de suas teses desempenham nesse processo de produção de uma consistência um papel forte.

Desde as rivalidades domésticas entre católicos e calvinistas que polarizaram sua infância, até o encontro com o babélico tumulto racial

das Gerais, ele nunca deixou de assistir ao embate de visões de mundo que nada tinham de solidárias. Sob os tentáculos da dominação lusa, setores populares, cristãos-novos foragidos, mestiços, negros e índios das mais diversas etnias circulavam por vastos territórios, transportando (e realimentando) sistemas cognitivos altamente discrepantes. Para Henequim, portanto, os mitos representavam uma maneira de fazer frente a essa realidade fragmentária. Sua formidável ousadia mística originou-se da tentativa desesperada de superar o permanente impasse dialógico que o cercava (GOMES, 1997, p. 63).

Ao invés de enlouquecer diante da diferença extrema que rodeia sua vida, o que fez, ao longo do tempo, foi tentar tornar essa diferença relativamente abarcável num conjunto, permitindo que todas estas vozes que emanam de diferentes lugares coexistam de algum modo. A criação de sua cosmologia nos parece ter sido exatamente esse processo de tornar junto o disperso.

Não é exagerado supor que os meios com os quais Henequim entrara em contato, especialmente os livros, foram fundamentais na formação de seu pensamento e de sua subjetividade. Mas devemos ter em mente que sua leitura é sempre uma leitura criativa, não apenas absorção passiva do que é lido (algo impossível!) mas apropriação e produção de sentido a partir do material impresso. Podemos dizer o mesmo acerca da cultura não livresca que marcou a vida de Henequim, cultura, nunca é demais insistir, plurívoca.

Some-se a isso sua história pessoal. Henequim vive uma infância fragmentada, contraditória, dividido entre seu pai calvinista e sua mãe católica, convivendo com visões de mundo antagônicas.

Desse caldeirão de influências, nasce sua subjetividade e sua elaborada visão do mundo. Mas, lembra Plínio Freire Gomes, “a tarefa de interpretar sua cosmologia não pode limitar-se apenas a recuperar as influências que a constituíram. O verdadeiro sentido das palavras de Henequim reside no que elas apresentam de específico e original” (GOMES, 1997, p. 94).

Conclusão

Algumas conclusões provisórias de nossa pesquisa em andamento já parecem se delinear.

Em primeiro lugar, tanto Menocchio quanto Henequim parecem confirmar algo que havíamos tomado como pressuposto, a tese da singularidade subjetiva de todos os humanos dado que nunca os conteúdos do contexto vital são apreendidos da mesma

maneira por dois indivíduos diferentes, o que reforça a visão da subjetividade com algo singular e único de cada indivíduo

Notamos, além disso, que a presença do livro, especialmente o das viagens de Mandeville, relativiza fortemente as crenças de Menocchio, abrindo a possibilidade de questionamento das certezas. Nesse sentido o livro certamente auxiliou sua “teorização”. Assim, a aceleração da circulação de informação pela presença da imprensa, no caso que nos ocupa, levou a um pensamento mais crítico e inovador.

Essa observação vai ao encontro de algumas conclusões de Eisenstein em sua obra sobre os efeitos da imprensa. Esta autora escreve:

Na medida em que a ‘cópia servil’ e o treinamento da memória se tornaram menos necessários, ao mesmo tempo que as incoerências e anomalias se tornavam mais aparentes depois que começou a produção de materiais impressos, todos os homens dotados de curiosidade foram tomados de desconfiança em relação às opiniões herdadas e passaram a ver com novos olhos as evidências científicas (1998, p. 215).

Mas mais uma vez a questão do meio deve ser ligada ao do conteúdo: não é o livro em geral que toca Menocchio, mas alguns livros (especialmente Mandeville) com um certo conteúdo: meio e sentido são importantes.

Em contraponto com Eisenstein, devemos assinalar que se essa autora constatou algo como uma empresa coletiva na produção do conhecimento⁷, em Menocchio temos o solipsismo e a solidão mais agudos. Assim, para nosso moleiro o livro impresso favoreceu a crítica e o pensamento criativo sem que isso se traduzisse em algo compartilhado.

Outro ponto importante: o contato com casos concretos de agenciamentos entre meios de comunicação e subjetividades concretas de diferentes momentos históricos aponta para a insuficiência das grandes generalizações a partir de conceitos genéricos tanto de uma época quanto de formas de subjetividade.

Dada a complexidade social dos momentos históricos que precedem o nosso, dada a plurivocidade e contraditoriedade das culturas que perceberam a nossa, dada em suma a complexidade de nossa história, um conceito como o de Modernidade nos parece ser totalmente inoperante, na medida em que elimina exatamente a complexidade reduzindo um conjunto heterogêneo e diverso a um bloco unificado e homogêneo. A

⁷ Por exemplo: “Ortelius transformou o seu *Theatrum* numa espécie de empreendimento cooperativo de base internacional. Ele recebeu informações úteis de todos os cantos do mundo, a ponto de cartógrafos se acotovelarem para lhe enviar os mais recentes mapas de regiões ainda não cobertas pelo *Theatrum*” (EISENSTEIN, 1998, p. 90).

rigor, a Modernidade é ela mesma Pós-Moderna, ou o que dá no mesmo, a Pós-Modernidade Moderna. Em suma, é necessário o abandono dessas grandes caracterizações epocais.

Esse traço fica ainda mais agudizado quando tratamos da subjetividade. Impossível apreender a complexidade da estruturação subjetiva de indivíduos em relação com os meios de comunicação através de categorias tão gerais quanto o sujeito pós-moderno. Mais interessante nos parece ser analisar casos concretos de ligação subjetividade-meios no sentido de apreender *em ação* esses agenciamentos.

Talvez não haja sentido em comparar quantitativamente, analisando a subjetividade, épocas distintas, qualificando diferentemente as subjetividades como mais ou menos unitárias ou estáveis. Menocchio tem uma subjetividade bastante singular, mesmo para os padrões atuais, assim como muitos de nossos contemporâneos parecem ter subjetividades que rapidamente classificariamos (se nisso acreditássemos) de pré-modernas (em algumas tribos urbanas, por exemplo). Não vemos sentido, dada essa situação, em comparações quantitativas.

Quanto ao que se pode fazer a partir de uma análise de diversos casos concretos só o decorrer da pesquisa poderá revelar. Por um lado, pode ser que se desenhem mecanismos comuns de apropriação dos meios ou de entrelaçamento entre mídia e subjetividade, mecanismos comuns que podem dar lugar a formulações gerais. Por outro, eventualmente as generalizações podem se revelar sempre infrutíferas quando falamos desses agenciamentos, as generalizações podem se revelar genéricas demais para tratar de casos que tomam sempre contornos singulares. Neste caso devemos nos contentar então em realizar análises específicas. Ambas as possibilidades são dignas de crédito.

De todo modo, no presente momento a generalização não nos interessa. Consideramos que ainda é cedo para tentar generalizações fundamentadas e teoricamente sustentáveis.

Quase terminando, devemos destacar que nossas análises parciais já indicam ser fundamental a consideração da apropriação que os sujeitos fazem dos meios e dos conteúdos por eles veiculados. Dado que nos dedicamos a casos em que o relevante é o livro impresso, ficou bastante claro que a leitura é sempre criativa, que ler é sempre produzir um sentido *com* o texto lido, às vezes mesmo *contra*. Qualquer forma de determinismo das subjetividades pelos meios deve ser questionada, considerando-se que estas sempre agem sobre aqueles num processo de causalidade que não seria abusado

caracterizar como circular. Nos parece, deste modo, que o caso do moleiro torna bastante difícil a sustentação da tese de um determinismo tecnológico, exatamente na medida em que as apreensões das mensagens são sempre singulares e diversas para o mesmo meio se levarmos em conta diferentes sujeitos.

Finalmente parece necessário superar a oposição entre meio e mensagem, o que um estudo da pura materialidade dos meios ou, por outro lado, a desconsideração dessa mesma materialidade podem ensejar, em direção a um pensamento que considera tanto a materialidade do meio e seus efeitos (por exemplo, aumento do número de livros a partir da invenção da imprensa tornou possível uma formidável inteligência coletiva, cujo resultado é a ciência tal como a praticamos, (cf. Eisenstein)) quanto o conteúdo das mensagens e as formas de recepção ativas por parte dos recebedores.

Referências bibliográficas

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

EISENSTEIN, ELIZABETH L. *A Revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa Modern*. São Paulo: Ática, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GOMES, Plínio Freire. *Um herege vai ao paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

ROMEIRO, Adriana. *Um visionário na corte de D. João V: revolta e militarismo nas Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed., UFMG, 2001